

# REVISTA DE SEGUROS

• MUDANÇA REGULATÓRIA  
É UM DIVISOR DE ÁGUAS  
PARA O SEGURO

• REFORMA TRIBUTÁRIA:  
ALÍQUOTA ÚNICA PENALIZARÁ  
SETOR DE SERVIÇOS

• CRISE DE EMPREGO  
E RENDA EXIGE INVESTIMENTOS  
EM REFORMAS



**SUSTENTABILIDADE: TRANSIÇÃO PARA UMA  
ECONOMIA DE BAIXO CARBONO TENDE A  
GANHAR FORÇA COM A PANDEMIA**



# “TEMOS QUE ACHAR O CAMINHO DO MEIO”

A pandemia tem dado visibilidade a um Brasil diferente. O Diretor do FGV Social – Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri, lembra que em épocas de crise, geralmente, a informalidade cresce no mercado de trabalho, mas, neste período de enfrentamento da Covid-19, diminuiu, apesar do choque trabalhista adverso. Não há mágica, claro! Economista e cientista social, Neri explica como as políticas públicas, em especial o auxílio emergencial e a redução da jornada de trabalho, atuaram para promover esses movimentos. Os resultados adversos das pesquisas coordenadas por ele também mostram que houve redução da pobreza (para 15 milhões de pessoas), porém, a renda do trabalho da metade mais pobre da população perdeu 28% e os 10% mais ricos, apenas 17%. O economista diz que vivemos em um “conti-

nente do realismo fantástico”, pois dissociamos o rumo individual, que vemos de forma positiva, da trajetória do País, que classificamos de maneira pessimista. Mas, em meio aos paradoxos, seguimos em direção a 2021 com esperança de uma recuperação, “que não será em “V” e, sim, em forma de “raiz quadrada”, lenta. Só temos uma saída: enfrentar todos os problemas como nação, e não individualmente. Desigualdade, violência, corrupção e Covid-19, tudo é coletivo, e temos que atuar juntos para superar. Leia a seguir os principais trechos da entrevista exclusiva que ele concedeu à Revista de Seguros.

*Dados recentes da FGV Social mostram que houve redução da pobreza na pandemia. Poderia nos explicar essa pesquisa?*

**Marcelo Neri** - Houve uma situação estranha na pandemia em que o desemprego não

*“Quando se mede a renda de todas as fontes, verifica-se que a pobreza caiu 24% em plena pandemia. Isso significa que 15 milhões de pessoas saíram da pobreza, algo inédito no País.”*



aumentou muito e a informalidade caiu bastante no Brasil, e essa não é uma má notícia. Normalmente, a informalidade sobe como uma espécie de colchão de proteção social em que as pessoas fazem “bicos” (serviços temporários) para sobreviver. Nesta pandemia, o efeito foi mais forte e aconteceu esse paradoxo de o desemprego subir um pouco e o mercado informal, cair. Apesar de não ser uma má notícia, também não chega a ser boa porque a ocupação despencou 9,9% e a renda de trabalho do brasileiro, 20,5% – a maior queda já observada nas séries históricas. Quando se mede a renda de todas as fontes, incluindo auxílio emergencial, aposentadoria, trabalho e programas sociais, verifica-se que a pobreza caiu 24% em plena pandemia. Isso significa que 15 milhões de pessoas saíram da pobreza, algo inédito no País, superando até mesmo o que ocorreu com os planos Real e Cruzado.

*Ainda assim, é controverso que o mercado de trabalho, que é a principal fonte de renda, esteja mal e as pessoas, bem.*

É porque o Governo injetou, na pandemia, uma renda que vai somar cerca de R\$ 320 bilhões para um pico de 67 milhões de pessoas através do auxílio emergencial. É como se o mercado de trabalho estivesse no inferno e a renda total das pessoas, no céu. O problema é que não é possível manter esse nível. O auxílio está diminuindo e vai ter fim. Mesmo o benefício da suspensão da jornada do trabalho vai deixar de existir, porque também é um fator circunstancial. Apesar de uma queda inédita no mercado de trabalho e da dificuldade fiscal, o Brasil estará em uma situação social preocupante. A economia vai sofrer alguns impactos permanentes.

*Por que o mercado de trabalho está “no inferno”?*

***“Apesar de uma queda inédita no mercado de trabalho e da dificuldade fiscal, o Brasil estará em uma situação social preocupante. A economia vai sofrer alguns impactos permanentes.”***



***“Otimista e individualista por natureza, o brasileiro não abraça muito os problemas coletivos, não enxerga muito o outro. Sonhamos, mas somos pessimistas sobre o País no qual estamos e nos julgamos felizes.”***

***“O crescimento do setor segurador neste momento (de medo de ficar doente, desassistido ou morrer) está ligado ao espírito de sobrevivência à flor da pele, independentemente da classe social.”***

Os principais componentes desse fenômeno são pessoas que se retiraram por causa da pandemia ou desistiram de procurar e não encontrar emprego. E só não foi pior porque houve o benefício da redução da jornada de trabalho, que poupou muitos postos de trabalho. Se não houvesse essa redução, a ocupação teria caído 22% e não 10%, em nossos cálculos. E a queda da renda do trabalho não foi similar em todas as áreas: a metade mais pobre perdeu 28%, os 10% mais ricos perderam 17%.

*Quais foram os grupos que perderam mais?*

Foram três, principalmente: índios, analfabetos e jovens. As mulheres perderam cerca de 21%, pouco mais que os homens, com 19,5%.

*Há uma obrigatória mudança de comportamento do consumidor na pandemia. Após este período, essas transformações tendem a permanecer ou mudarão de novo?*

Algumas coisas vão se tornar permanentes, mas o fato é que se criou uma grande incerteza nesse contexto em que o sujeito está no céu ou no inferno, dependendo de onde e quando olha para a situação. Neste momento, as pessoas tendem a ter um comportamento mais de precaução. A pandemia mexe com o espírito de sobrevivência, e isso tem muito a ver com o mercado de seguros.

*De que forma?*

Passar por uma crise, pelo medo de ficar doente, desassistido, morrer, perder tudo o que construiu etc., é traumático. Portanto, é natural que a pessoa tenda a contratar seguros para se precaver. O crescimento do setor segurador neste momento está ligado ao espírito de sobrevivência à flor da pele, independentemente da classe econômica. Vimos um resultado interessante nas últimas pesquisas: pessoas de renda mais baixa tiveram maior ganho de renda, o que poderia propiciar o seguro ou o auto-seguro (poupança).

*Além da busca por produtos de seguros, há indícios de outras mudanças de comportamento?*

Nossos estudos mostram como varia a felicidade do brasileiro em relação à renda: as duas estão diretamente ligadas. O grande salto se dá quando a pessoa não tem renda e passa a ter um salário-

-mínimo: o nível de felicidade sobe praticamente três pontos. Mas, quando passa de um para dois salários-mínimos, o índice cresce 10%. Outra peculiaridade é que o brasileiro é um ser otimista individualmente, mas pessimista no coletivo. Se você perguntar como estará a vida dele daqui a cinco anos, responderá que estará muito bem. E o País? Ah, aí é diferente: o mesmo entrevistado diz que o Brasil não vai dar certo. Será muito interessante, depois que a pandemia passar, analisar esses dados e ver qual foi a atitude psicológica do Brasil diante de um fenômeno global. Será interessante comparar com outros países.

*Qual é o mecanismo psicológico usado para dissociar a vida pessoal da vida do País?*

Realidade empírica. O brasileiro sempre obteve a nota mais alta de todo o planeta em estudos sobre felicidade futura. Com a crise em 2015, caiu para o quinto ou quarto lugar. Agora, estamos entre a terceira e a segunda posição no ranking. É a confirmação daquela frase: “Brasileiro, profissão esperança”. Otimista por natureza, a população não abraça muito os problemas coletivos, não enxerga muito o outro. Nós estamos no continente do realismo fantástico. Sonhamos, mas, ao mesmo tempo, somos pessimistas sobre o País no qual estamos e nos julgamos felizes. Mas não dá para ser otimista em uma coisa e pessimista em outra, pois ambas estão ligadas. Isso é inconsistente.

*Então, para o brasileiro o dinheiro traz felicidade?*

Os dados mostram que essa é uma realidade empírica global para quem ganha até 75 mil dólares (cerca de R\$ 410 mil) por ano. Acima disso, não cresce mais. O próprio IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), da ONU (Organização das Nações Unidas), considera esse limite. Mas o brasileiro é o povo menos sensível a esse limite financeiro. Ele só é sensível na base, quando passa do zero para um salário-mínimo. Depois, a relação é positiva, mas tênue, e só registra subida de novo quando a renda aumenta muito.

*Economia de precaução (evitar gastos com medo do futuro) e economia de recompensa (gastar de mais como compensação por ter ficado em confinamento) são relevantes no comportamento do brasileiro? Para onde irá esse dinheiro após a pandemia?*



*“Os valores mudam e a complexidade do brasileiro fica realçada. Os resultados positivos do setor de seguros mostram a preocupação em se prevenir. E comprar seguro é como andar de bicicleta, aprende-se fazendo.”*

É um dado estrutural da nossa sociedade. As pessoas estão buscando algum tipo de proteção para evitar situações de infelicidade máxima. É verdade que os dados mostram que o Brasil registra uma injeção de poupança neste período de pandemia. Mas, por outro lado, parte dos consumidores também pensa que, se o mundo pode acabar, melhor ser feliz com algumas compras. Os valores mudam e a complexidade do brasileiro fica realçada. Os próprios resultados positivos do setor de seguros mostram a preocupação em se prevenir de riscos. E comprar seguro é como andar de bicicleta, aprende-se fazendo. Pode ser que permaneça na cultura. Mas ainda não é possível afirmar para onde irá esse dinheiro poupado na pandemia.

*A projeção de alguns especialistas sobre o PIB do terceiro trimestre é de 7% menor do que o do segundo trimestre, cuja queda foi de 9,7%, considerada tragicamente histórica. Esse resultado está na conta da pandemia?*

Não só. O País vinha em recessão profunda na base, já tinha crise acumulada antes da chegada da pandemia. De meados de 2015 até 2019, a desigualdade subiu, estava começando a estabilizá-la em 2019. Em termos médios, a recessão foi seguida pela estagnação. Entre os pobres extremos só parou na pandemia. O PIB caiu 9,7% em 2020,

que é uma queda inédita, o Brasil gastou muitos recursos e não há como manter o mesmo patamar.

*Qual é a expectativa para 2021?*

A vacina fará diferença, claro. Mas não acho que será uma recuperação em “V”; será em forma de “raiz quadrada”. A recuperação não será tão forte quanto foi a queda, mas, mesmo mais lenta, alguma parte poderá ser ativada ano que vem.

*A reabertura da economia é um bom caminho?*

Sou um cientista social, olho para os dados e acho importante não ficar preso a dogmas. Obviamente, ao falar de vidas, temos que ter um comportamento conservador. Mas, ao mesmo tempo, temos exemplos de outros países cujas experiências nesta área precisam ser observadas atentamente. Existem algumas evidências de que economias relançadas muito rapidamente não deram bons resultados porque não adianta abrir as portas, se a população não se sente segura para entrar. A questão tem de ser estudada, e o tipo de isolamento social em paralelo também. O Brasil não adotou um modelo muito claro sobre isso, houve certa polarização entre o Governo federal e outras instâncias da sociedade. Deve-se ser cuidadoso, olhar para os números, para o avanço da Ciência e, se tiver que rever alguma decisão, ter coragem de fazer isso. Para um lado ou para o outro.

*Sairemos do “outro lado” com mais coragem para resolver questões sociais?*

Acho que a pandemia mexe com algo profundo na sociedade brasileira que é a dificuldade de lidar com problemas coletivos – e a Covid-19 é um deles. Altos níveis de corrupção, desigualdade, inflação, criminalidade etc. são grandes questões de relacionamento em grupo. Da mesma forma, as maneiras de deter a disseminação da doença não é individual. Fizemos grandes avanços ao longo do tempo, como construir a democracia, que é uma obra coletiva importante. Mas, em certo sentido, nos 10 últimos anos muitas conquistas entraram em xeque. Vamos ter que enfrentar esses desafios como nação. Caso contrário, ficaremos deitados em berço não esplêndido. Temos que achar o caminho do meio, não perder a esperança de encontrar esse norte comum.

*A Covid-19 nos testa?*

Sim, é uma prova derradeira para nossa geração. Temos que aprender a olhar para o País como um todo, e isso exige maturidade, é uma questão empírica que se aprende na prática. Essa experiência é marcante e veremos, mais à frente, de que forma aprendemos com o que vivemos.